

## Notícia de 1733 sobre a poesia no Brasil

Maria Francelina Silami Ibrahim Drummond<sup>1</sup>

*História da poesia e da eloquência portuguesa*, de Friedrich Bouterwek, publicada em 1805 e *De la littérature du Midi de l'Europe*, de Simonde de Sismondi, publicada em 1813 são os marcos pioneiros na instituição da história da literatura no Brasil, considerada então ramo da portuguesa. Em 1826, Ferdinand Denis distinguirá poetas e períodos da produção já propriamente brasileira no seu *Resumo da história literária de Portugal, seguida do resumo da história literária do Brasil*.

Entretanto, o mais longínquo registro de que temos notícia até o presente é uma pequena nota sobre a literatura brasileira que antecede em quase cem anos a *História da poesia e da eloquência portuguesa*, de Friedrich Bouterwek.

Esta nota, escrita em 1733 por um brasileiro, ao contrário das fontes dos oitocentos, teve o objetivo de registrar os melhores poetas baianos da primeira metade do século XVIII e sugere incipiente intenção de formação do cânone. Ela é assunto no diálogo entre o protagonista e uma personagem no segundo volume do *Compêndio narrativo do peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira.<sup>2</sup>

### Fonte

O *Compêndio narrativo do peregrino da América* foi editado em 1728. As sucessivas reimpressões – 1731, 1752, 1760 e 1765 – atestam a notável aceitação pública da obra e sugerem a amplitude de sua área de abrangência no Brasil e em Portugal, a exemplo do anúncio na *Gazeta de Lisboa* em 9 de agosto de 1731:

*Imprimiu-se novamente o livro intitulado Compêndio narrativo do peregrino da América, em que se tratam vários discursos espirituais e morais, com várias advertências, e documentos contra os abusos que se acham introduzidos pela malícia diabólica*

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal de Uberlândia, em estágio de pós-doutorado na PUCRS, sob orientação da Professora Regina Zilberman.

<sup>2</sup> A dedicatória do segundo livro do *Peregrino da América* é de 12/11/1733. Embora inferindo que esse livro tenha sido escrito entre 1731 e 1733, adotei a última data como referência. Ela baliza a fundação da Academia dos Esquecidos (1724-25) e a publicação da *História da América Portuguesa* (1730), de Sebastião da Rocha Pitta.

*nos estados do Brasil. 1ª parte. Autor: Nuno Marques Pereira. Vende-se na loja de Manoel Fernandes da Costa, livreiro no fundo da rua dos Ourives da Prata, e na de José Ferreira da Veiga, à Misericórdia.*<sup>3</sup>

Narrativa ficcional de cunho moralista e filiada ao estilo dialogal, comuns nas literaturas ibéricas daquele período, representa uma época literária que ainda não foi suficientemente estudada no Brasil. Por isso, mais citado do que efetivamente lido, o *Peregrino da América* ainda oferece pistas não exploradas, como a referida notícia sobre a literatura brasileira em 1733.<sup>4</sup>

Convém primeiramente apresentar a síntese do livro para situar o contexto no qual a referida “nota” acima citada aparece. O livro narra em retrospectiva a viagem de um andarilho da Bahia a Minas, em início do século XVIII, contada em primeira pessoa num diálogo entre o narrador e um velho, curioso em saber por que o andarilho fizera a viagem tão perigosa e aventureira, sem interesse em enriquecer nas minas. A estrutura do *Peregrino da América* impede uma classificação rígida: aproxima-se da novela alegórica e funde diversos gêneros – relato histórico e hagiológico, poesia erudita e popular (abecê, cordel, trova), carta, provérbio, caderno manuscrito, testamento, casos populares, referências culinárias e receituário prático, entre outros. Não há núcleo dramático central, mas micro-enredos, nos vinte e oito capítulos, unidos entre si pelo motivo da viagem. Cada capítulo representa um pouso do narrador em fazendas, vilas e sítios a partir de Salvador em direção a Vila Rica.

Nessas circunstâncias, o narrador entra em cenas do cotidiano colonial com a atenção voltada para o multiculturalismo que já caracteriza a vida no Brasil na rota nordeste/centro-sul. Índios e caboclos, brancos e pretos, pardos e mulatos, mouros, judeus e ciganos; comerciantes, fazendeiros, mineradores, juízes, clero e eruditos compõem a malha social que passa pelo *Peregrino da América*, captada pelo narrador-viajante, cronista e observador dos costumes.<sup>5</sup> O topos *passagem/ peregrinação*, que sinaliza a narrativa desde seu título, é figuração do espaço colonial em movimento e, do ponto de vista histórico, tem foco na descoberta das minas de ouro em finais do século XVII e início do XVIII, através de um painel sobre a conturbada formação econômica, política, social, étnica e sobretudo moral da Capitania das Minas Gerais, criada em 1711.

A viagem do peregrino faz alusão ao afluxo de povos em busca do ouro e à crença na atração irresistível do metal precioso, que transformava rapidamente o pobre em rico; o fraco e desprezado, em poderoso. Causava anomia, provocava motins, insurreições, delações e conquistas. Plantava vilas, estimulava o comércio e a escravidão, atraía o

---

<sup>3</sup> Almeida, *Notícias históricas de Portugal e Brasil; 1715-1750*, p. 160. Atualizei a ortografia.

<sup>4</sup> Pedro Calmon é dos raros, senão o único historiador, a quem não passou despercebido o registro do *Peregrino da América*. Afirma, tomando-o como fonte: “o panorama literário da Bahia no primeiro quartel do século XVIII está descrito nitidamente por Nuno Marques Pereira.” In: *História da literatura bahiana*, p.38.

<sup>5</sup> Esse narrador “viajante” frutificará no Romantismo, cf. Flora Sussekind em *O Brasil não é longe daqui*.

*adventício, estrangeiro e peregrino*.<sup>6</sup> Enfim, o narrador tem o olhar voltado para a cultura colonial como mosaico de influências e mediações étnicas embora a utopia do peregrino os quisesse todos debaixo da mesma Fé.

Mas a viagem não termina no primeiro livro. A narrativa é suspensa e o leitor do século XVIII fechou o primeiro volume com a promessa de continuidade da história num segundo livro<sup>7</sup>. E esperou em vão! Os manuscritos, datados de 12 de novembro de 1733, se desviaram, não se sabem as causas, e somente foram descobertos em 1904 nos arquivos portugueses. Finalmente em 1939, duzentos e dez anos depois do primeiro livro, era publicada a segunda parte do *Peregrino da América*.

Houve neste sentido um curioso *acidente* de recepção: a narrativa ficcional tornou-se anacrônica em relação ao leitor do século XX (que já tinha passado por Flaubert, Eça de Queirós, Machado de Assis e estava lendo, então, Jorge Amado e Graciliano Ramos) mas permaneceu fonte insubstituível para a historiografia em geral. Por isso, em nova leitura, importa realçar os sentidos variados a que essa prosa de ficção colonial conduz, como narrativa que elabora um retrato precursor do Brasil em muitos aspectos. Um desses aspectos é o que diz respeito à discussão sobre a literatura que se produzia na Colônia e a reunião dos poetas em Academias.

### Aula de Poética

No quinto capítulo do *Peregrino da América*, o protagonista chega em visita a uma aula de poética à qual assistiam *muitos mancebos (...) e algumas moças*.<sup>8</sup> A Mestra da Poesia, que ensinava e discutia com seus discípulos, convida o peregrino a participar e lhe solicita *me façais a graça de dizer o que sentis desta arte da Poesia, que suposto tenha sido tão estimada nos séculos passados, se não está desprezada de todos, de alguns é menos estimada*.<sup>9</sup>

Ele teme não dar conta de assunto tão nobre, superior e perfeito, mas *versado nos estudos e nas artes liberais* e também poeta, atende à questão posta pela Mestra e responde:

*Famosa se fez sempre em todos os séculos esta nobilíssima arte da Poesia, assim pelo elevado de sua cadência, como pelo relevante de seu estilo, merecendo os créditos de preciosa e soberana pelas estimações que lhe deram os homens, granjeando a sabedoria de Minerva e os ecômios de Apolo. E se a nobreza desta famosa arte tanto tem avultado no mundo, quem haverá*

---

<sup>6</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. I, p.37.

<sup>7</sup> Varnhagen não teve conhecimento dos manuscritos: “*De semelhante continuação da obra, nenhuma outra notícia possuímos, e só sim, a certeza de que, se acaso escreveu, nunca chegou a publicar-se.*” Juízo crítico. In: *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p.14.

<sup>8</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 83.

<sup>9</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 83.

*que, sem a nota de pouco advertido, se queira atrever a aniquilar, ou deslustrar sua grandeza, e graduação (...) pois é certo que nos poetas se compreendem todas as ciências, e as mais relevantes notícias.*<sup>10</sup>

A partir de então, a dissertação do peregrino, intercalada no diálogo, prossegue como amplo processo de citação de poetas da Antigüidade, passando por Portugal e Espanha, tudo acompanhado de comentários, apreciações, notícias de livros publicados e também de obras manuscritas *que, dispersas, se acham em poder de vários curiosos.*<sup>11</sup> Além disso, ele divulga os benefícios da composição e da leitura de poesia entre todo tipo de leitor:

*São os versos uma recreação honesta, em que o entendimento tanto se diverte, que esquecendo-se do penoso que o aflige, se suaviza na ocupação de os compor, ou ler, não só entre a gente popular e plebéia, mas também entre os mais nobres e grandes príncipes.*<sup>12</sup>

Importante aspecto a observar nesse depoimento do peregrino é a confirmação de intercâmbio entre poetas, nas regiões que constam de sua rota de viagem – Pernambuco e Bahia – e no Rio de Janeiro. Além disso, ele volta a sugerir a existência de obras não impressas em circulação:

*Não falo aqui dos grandes poetas que tem havido, e há no Rio de Janeiro, Pernambuco, e mais cidades e vilas deste Estado do Brasil; porque foram, e são tantos, que se juntarem todas as obras poéticas que se tem feito, se fariam muitos volumes.*<sup>13</sup>

Continua a insistir na necessidade de inventariar a produção poética do Brasil, sugerindo que a criação da Academia Brasílica dos Esquecidos pelo Vice-Rei Vasco Fernandes César de Menezes resultou dessa realidade cultural – isto é, poética – pujante na Bahia:

*Finalmente são tantos os poetas que se de todos fizera menção, fora necessário um grande catálogo; e para prova do que vos digo, senhora, vejam-se as obras poéticas que se fizeram nas*

---

<sup>10</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 84.

<sup>11</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 85.

<sup>12</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 84.

<sup>13</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 86

*Academias que mandou fazer o Conde de Sabugosa, no tempo de seu governo na cidade da Bahia.*<sup>14</sup>

Quando começa a falar do Brasil – especificamente dos poetas “*nacionais da cidade da Bahia*”<sup>15</sup> – torna-se mais eloqüente, como que assumindo a função de mestre daquela aula a que fora assistir. Parte então para a citação propriamente dita dos poetas da terra. Reconhece a grande dimensão da tarefa de registrar os poetas, mas tem consciência de que não lhe cabe dar conta de todos. Isso porque o assunto estimula o sentimento que se traduz em exaltação da cultura letrada, erudita e testemunhada pelo narrador.

*No nosso Estado do Brasil (falo dos nacionais da cidade da Bahia e seu recôncavo) foram, e são tantos os poetas, que bem pudera eu dizer que nele estava aquele decantado Monte Parnaso, onde disseram os antigos existiam as Musas; porque verdadeiramente apenas se acham, entre cem filhos do Brasil que versaram e versam os estudos, dez que não sejam poetas, porque os noventa todos fazem versos latinos e vulgares.*<sup>16</sup>

O narrador reconhece não ter espaço nem mesmo dispor de tempo para citar a todos, pois a conversa com a Mestra da Poesia é apenas um pequeno capítulo da história – e os poetas são tantos! – por isso, opta pela seleção dos melhores, delimitando seu objetivo claro de registrar os nomes na página que será impressa *porque não fique letargo do esquecimento os de maior nota e graduação.*<sup>17</sup>

Donde provém, então, a lista breve e reconhecidamente incompleta – *direi parte deles, porque nomear a todos fora um processo infinito*<sup>18</sup> - dos poetas brasileiros da Bahia, à maneira das histórias literárias que apareceriam no início do século XIX. Feitas as ressalvas, querendo, talvez nomear a todos, mas provavelmente faltando ao autor dados mais completos, o narrador procede à nomeação de dois grupos. O primeiro contém nome e referência de poetas já falecidos; o segundo, dos vivos e atuantes.

Inicia o primeiro grupo – o dos poetas já falecidos – com Pe. Antônio Vieira, destacado como “*insigne poeta*”<sup>19</sup> e naturalmente incluído entre os “brasilieiros.” Seguem Bernardo Vieira Ravasco (1617-97); Eusébio de Matos (1629-1692); Gregório de Matos (1633-1696); Manoel Botelho de Oliveira (1636-1711), Gabriel Vieira e Capitão Francisco Pinto.

---

<sup>14</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 86

<sup>15</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 8.

<sup>16</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 85.

<sup>17</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 85.

<sup>18</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 85.

<sup>19</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 85.

No rol dos poetas contemporâneos do peregrino, constam Sebastião da Rocha Pita (1660-1738), autor da *História da América Portuguesa*, João de Brito Lima (1671-1747), que também pertenceu à Academia dos Esquecidos, Manoel de Medeiros, poeta cômico comparado, com evidente exagero, a Lope da Vega,<sup>20</sup> Capitão Manoel Teixeira de Mendonça (1660- 1734),<sup>21</sup> *faz muito bem versos com bom assento e estilo, e sendo moço foi famoso músico*,<sup>22</sup> Padre Francisco da Costa Carqueja, mestre de Nuno Marques Pereira, *foi muito venerador da poesia, e fazia as letras para a solfa, que compunha, e muitas vezes lhe ouvi dizer que são sabia como podia ser bom músico quem não fosse poeta*.<sup>23</sup>

Iniciar a lista com Vieira significa a inclusão deliberada do jesuíta no “cânone” brasileiro e não, português. Correria esse conceito entre os eruditos da Colônia? Já se pensava em ‘literatura’ produzida por naturais do Brasil? Tudo indica que sim, haja vista que, em 1705, Manoel Botelho de Oliveira fazia-se notar na *Música do Parnaso* como *primeiro filho do Brasil* a publicar versos.<sup>24</sup>

O *Peregrino da América* insiste em mostrar poetas da terra, e efetivamente o fez: todos, a exceção de Vieira<sup>25</sup>, eram naturais da Bahia, conforme cotejamento minucioso feito por Pedro Calmon.<sup>26</sup> Ele delimitava sua intenção fundamental como historiador da literatura: ou seja, distinguir produção poética brasileira e Metropolitana, sem desqualificar nenhuma delas, mas ao contrário, inserindo os poetas baianos no *panteon* da poesia em geral.

É importante considerar esse objetivo do peregrino de dar destaque aos poetas brasileiros porque ele se adianta aos primeiros historiadores literários do século XIX Friedrich Bouterwek e Simonde Sismondi para os quais os poetas do Brasil estavam incluídos na literatura portuguesa. A citação de Vieira no rol de poetas demonstra também que o autor do *Peregrino da América* dispunha de informações históricas seguras para elaborar um “*parnaso brasileiro*.” De fato, Pe. Vieira compôs a *Canção panegírica* dedicada a D. João IV e transladada pelo Frei João de São José *dos seus papéis apreendidos na busca que o Santo Ofício lhe fez*.<sup>27</sup>

Certamente, Nuno Marques Pereira leu a *Música do Parnaso*, pois anota que Manoel Botelho de Oliveira dera *seus versos ao prelo, como se pode ver do seu livro das*

---

<sup>20</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 86.

<sup>21</sup> Capitão de ordenanças de Salvador,escrivão e pai do poeta João Teixeira de Mendonça, da Academia Brasileira dos Esquecidos, cf. Calmon, *Compêndio*, v. II, p. 96, nota 10.

<sup>22</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 86.

<sup>23</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 86.

<sup>24</sup> Esse detalhe importante observado pelos historiadores da literatura é objeto de recente estudo que não apenas o comprova como coteja a outros textos do Brasil impressos anteriormente. Ver: Moura, Enrique Rodrigues.

<sup>25</sup> A inclusão de Vieira entre os naturais da terra talvez iniciasse a questão polêmica sobre o lugar desse orador famoso, se na literatura portuguesa, ou na brasileira.

<sup>26</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, notas ao final do capítulo V.

<sup>27</sup> Nuno Marques Pereira sabia desse fato que o escritor Camilo Castelo Branco relataria em *Memórias do Bispo do Pará*, publicadas em 1868, no Porto, segundo nota de Pedro Calmon In: *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 94.

*quatro musas*<sup>28</sup> e sabia, dessa maneira, que era o primeiro poeta brasileiro a publicar em livro.<sup>29</sup> Da mesma maneira, Nuno Marques Pereira leu a biografia de Anchieta, escrita pelo Pe. Simão de Vasconcelos e publicada em 1676, pois o destaca como poeta pelos versos *que andam impressos na vida do mesmo venerável padre.*<sup>30</sup>

Indicação importante do narrador é o reconhecimento de Gregório de Matos e sua inclusão no rol dos poetas brasileiros notáveis. Entretanto, o narrador lhe faz restrições porque, de acordo com sua concepção moral, a sátira desonra e desqualifica o alvo, implicando a desqualificação da própria Poesia:

*Com que, sendo como é esta Arte, por tantos títulos digna de ser estimada, é para sentir a multidão de poetas que tão mal usam dele com assuntos profanos (...), e outros prezando-se de satirizar a seu próximo com infâmias e injúrias no crédito da honra, sem se envergonharem de deslustrar uma tão famosa arte por modo tão indigno de se praticar entre homens, que presumem ter entendimento...*<sup>31</sup>

Ele aproxima a sátira da murmuração (o mal público por excelência mais condenado no *Peregrino da América*), mas a sátira, por ser escrita, é ainda mais virulenta e cruel. Sugere também conhecer os poemas de Gregório de Matos em cópias manuscritas e repassadas entre o público na Bahia:

*E por isso já houve quem disse que é mais para temer a pena de um poeta satirizante, que a língua do murmurador; porque o murmurador é ouvido dos que estão presentes, porém, uma pena satírica voa, e vai passando de mão em mão, de treslado em treslado, com grande detrimento da honra e do crédito do próximo, e por esta causa tem acontecido grandes desgraças no mundo.*<sup>32</sup>

A admiração por Gregório de Matos<sup>33</sup> fica evidenciada nas palavras do peregrino, embora atribua a história desventurada do poeta ao exercício da sátira. Afirma ainda, com pesar ingênuo e coerente, que a sátira também condenaria Gregório para a posteridade:

---

<sup>28</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 85.

<sup>29</sup> Ver: Moura, E. Rodrigues.

<sup>30</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 87.

<sup>31</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 89.

<sup>32</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 90.

<sup>33</sup> No primeiro livro, o *Peregrino da América* faz uma alusão muito simpática a poetas, distinguindo-os dos comerciantes e mercenários que viviam na Bahia; eram dos poucos homens honestos que o peregrino encontrara. Tudo indica que se referia a Gregório de Matos, que é também citados noutras passagens.

*Veja-se o que sucedeu àquele grande poeta Gregório de Matos, de quem já falei, e bem conhecido foi por seu grande talento, que fazendo uns versos satíricos a certa personagem, foi desterrado da Pátria, e fora dela acabou miseravelmente, sem mais glória, que a de ser conhecido por poeta satírico, nome que granjeou tanto à custa de seus trabalhos e misérias.*<sup>34</sup>

Se o rol de poetas não foi aleatório, mas seguiu o critério dos melhores, os comentários do narrador neste *bosquejo* dão conta do seu próprio gosto poético, que talvez correspondesse ao gosto de seu tempo. Em meio a comentários e opiniões, o diálogo entre o peregrino e a Mestra da Poesia mantém vivo o motivo central daquela “aula” que louva a poesia, enaltece e critica poetas. Dá ensejo à declamação de sonetos. É oportunidade para o peregrino mostrar seus dotes poéticos. Ele compõe uma décima, atendendo outra vez a solicitação da mestra que lhe pedia os versos para incluir na comédia sobre o naufrágio de Caramuru nas praias da Bahia, a ser montada pela sua classe: *Pedi logo pena, papel e tinta, e fiz uma décima em que me parece satisfez o pedido.*<sup>35</sup> E, a seguir, torna o peregrino, sugere o mote, pedindo aos alunos que fizessem a glosa, o que de fato se faz.

De olhar voltado para os poetas e atento ao intercâmbio de acadêmicos, o peregrino também se dirige aos críticos, não para louvá-los, mas reparando a influência nem sempre benéfica da opinião deles sobre os poetas:

*E suposto que haja alguns críticos que faz escândalo, e reparo de tudo, e murmuram também dos que fazem versos, razão por que andam já alguns homens, que têm propensão para a poesia, muito às escondidas fazendo versinho, e às vezes com o nome suposto; porque lhe não chamem poeta, como se o ser poeta fosse vileza; sendo que só poderiam ser notados quando de tão perfeita arte usam mal dele.*<sup>36</sup>

Ao fim da aula, a Mestra da Poesia oferece ao peregrino um cartão de ouro *em que metia os bicos da penas com que escrevia, feito com muito artifício, que podia ter peso de dez oitavas.*<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 90.

<sup>35</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 91.

<sup>36</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 89.

<sup>37</sup> *Compêndio narrativo do peregrino da América*, v. II, p. 93.

Essas pequenas cenas, referidas de passagem, situam na aula de Poética o ambiente similar das academias setecentistas que engrandecia e elevava os poetas brasileiros desse pequeno *parnaso*. É nesse espaço ficcional que o *Peregrino da América* contextualiza a referência mais ampla dos poetas. Convém reparar o tom ufanista que se percebe na narração dos poetas baianos. Entretanto, não é mais devido à prodigiosa natureza brasileira, topos comum nas narrativas sobre o Brasil desde as primeiras notícias do século XVI a respeito da descoberta da terra, mas de um ufanismo inaugural ou mesmo pioneiro cujo fundamento migra do mito da natureza para a cultura.

Esse quinto capítulo do *Peregrino da América* revela ainda outras circunstâncias da vida cultural da Bahia na primeira metade do século XVIII. É interessante observar que, dentre os nomes citados, Nuno Marques Pereira muito provavelmente tenha conhecido Inácio Barbosa Machado, um dos fundadores da Academia Brasílica dos Renascidos, em 1724. Inácio Barbosa Machado era irmão de Diogo Barbosa Machado, autor da *Biblioteca Lusitana* e atuava como Juiz de Fora em Salvador onde viveu por alguns anos. Ele terá contribuído com notícias de poetas do Brasil para a grandiosa obra que seu irmão compunha – e certamente lhe deu as informações sobre o próprio Nuno Marques Pereira.

Entretanto, a historiografia *avant la lettre* do peregrino é matéria de ficção de um narrador cuja intenção é fazer a inscrição de poetas brasileiros no cânone para lhes perpetuar a memória. Por isso, ele não apenas se exime de elencar todos os poetas como faz questão de não fazê-lo para não se desviar do núcleo ficcional da sua obra.

### Algumas conclusões

A título de conclusão, a recapitulação dos tópicos apresentados possibilita afirmar o significado do *Compêndio narrativo do peregrino da América* para o leitor contemporâneo não apenas como fonte histórica, folclórica e etnográfica do Brasil no período colonial, mas sobretudo no âmbito dos Estudos Literários. A nota sobre *poetas brasileiros* que o autor Nuno Marques Pereira oferece ao leitor, embora pequena, sumária e aparentemente sem pretensão, deve ser resgatada como sinal do discurso erudito sobre aspectos da cultura no Brasil, diferenciando-se da Metrópole, bem mais do que insinuam os *Diálogos das grandezas do Brasil*, de Ambrósio Fernandes Brandão. Observe-se no narrador-peregrino nesse quinto capítulo do livro que vimos comentando: a) dispõe-se a falar sobre a poesia feita por brasileiros; b) delimita um corpus (poetas baianos falecidos e vivos); c) objetiva claramente distinguir poetas “nacionais” de poetas portugueses; d) já inscreve Gregório de Matos nesse “cânone”; e) informa sobre intercâmbio entre poetas de diversas partes da Colônia; f) noticia as atividades da Academia Brasílica dos Esquecidos; g) informa sobre livros impressos e circulação de obras manuscritas. Testemunho e ficcionalização de uma época ainda não concluída para os Estudos Literários, o *Peregrino da América* continua instigando buscas. Tudo isso, como já não bastasse ter sido um dos livros mais lidos no Brasil Colônia.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Moraes, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial*, p. 186.

## Anexos

### 1. Sumário:

*Como o Peregrino chegou à segunda sala, e nela achou a Mestra da Poesia, e lhe relatou os princípios e excelências daquela arte, e de como alguns homens usam mal dela, e por essa razão lhes aconteceram vários danos e se fizeram aborrecidos. (83)*

### 2. Apresentação do narrador:

*Por reconhecer, Senhora Mestra da Poesia, o muito apreço e estimação, que fazeis dos homens práticos, e versados nos estudos e artes liberais, pedi ao Senhor Peregrino se dignasse de acompanhar-me a vossa presença, pois nele reconheço os dotes com que o céu o tem enriquecido de muitas perfeitas partes e ilustrado de um feliz entendimento. (83).*

### 3. Sobre poesia:

*Sabei, senhores, ( prossegui eu) que foram sempre muito estimados e honrados os poetas dos melhores juízos, que com muita razão conheceram a excelência desta arte, não só pela compreensão de grandes e elevados conceitos, que encerra em breves discursos, como porque sempre como divinos foram reconhecidos, e parece que assim o insinuou Ovídio, quando disse: Est Deus in nobis sunt, et commercia coli,/Se dibus atheris spiritus ille venit. Confirma-se esta verdade, de grande estimação que tiveram os poetas pelo que sucedeu às sete cidades, quando contenderam, qual fora a pátria de Homero. Arquelaus, rei da Macedônia, consagrou grandes honras a Eurípedes. Alexandre Magno, querendo destruir e combater a cidade de Tebas, mandou primeiro que na casa e família de Píndaro, poeta vizinho dela, não se tocasse. De Virgílio aprenderam muitos poetas doutos e graves o facundo de escrever em versos, como na Cabalina bebiam os antigos, e bebem os presentes poetas o florido e elegante método da poesia. Não repito o mais que fizeram grandes reis e monarcas de honras a outros, porque me falta tempo. (89)*

### 4. Dos críticos:

*E outros [críticos] que pelo pouco conhecimento da poesia, dizem que esta parte regularmente não depende da arte; porque basta só tenha, ou haja veia, para fazer versos: como se não necessitara de regras, preceitos, figuras, topos, sinalefas, e de outras muitas regras, e documentos, como se pode ver em qualquer arte poética. E assim digo que tudo lhes nasce da ignorância em que vivem estes tais... (89)*

### 5. Poetas do Brasil:

*No nosso Estado do Brasil (falo dos Nacionais da cidade da Bahia, e seu recôncavo) foram, e são tantos os poetas que bem pudera eu dizer, que nele estava aquele decantado monte Parnaso, onde disseram os antigos existiam as Musas; porque verdadeiramente apenas se acham, entre cem filhos do Brasil que versaram e versam os estudos, dez que não sejam poetas, porque os noventa todos fazem versos latinos e vulgares: e porque não fique letargo do esquecimento os de maior nota e graduação, direi parte deles, porque nomear a todos fora processo infinito.*

*O muito Reverendo Padre Antônio Vieira, religioso da Companhia de Jesus, foi insigne poeta. Seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, secretário que foi deste Estado do Brasil, também foi famoso poeta. Da mesma sorte o foram o Padre Eusébio de Matos e seu irmão o doutor Gregório de Matos. O Capitão-mor Manoel Botelho de Oliveira o foi, e deu seus versos ao prelo, como se pode ver do seu livro das quatro musas. O licenciado Gabriel Vieira. O capitão Francisco Pinto, filho da Vila do Cairu. E os que ainda hoje existem não será razão que os deixe de nomear:*

*O Coronel Sebastião da Rocha Pita é muito famoso poeta, principalmente de versos da arte maior. O Capitão João de Brito Lima, cujos versos já se imprimiram. O Licenciado Manoel de Medeiros é outro Lope da Vega nos seus versos cômicos. O Capitão Manoel Teixeira de Mendonça faz muito bem versos com assento e estilo, e sendo moço foi músico famoso. Meu mestre de solfa, o Padre Francisco da Costa Carqueja, foi muito venerador da poesia, e fazia as letras para a solfa, que compunha, e muitas vezes lhe ouvi dizer que não sabia como podia ser bom músico quem não fosse poeta.*

*Finalmente são tantos os poetas que se de todos fizera menção fora necessário um grande catálogo, e para prova do que vos digo, senhora, vejam-se as obras poéticas que se fizeram nas Academias que mandou fazer o Conde de Sabugosa, no tempo do seu governo na cidade da Bahia.*

*Não falo aqui dos grandes poetas, que tem havido, e há no Rio de Janeiro, Pernambuco, e mais cidades e vilas deste Estado do Brasil, porque foram, e são tantos, que se juntarem todas as obras poéticas que se tem feito, se fariam muitos volumes. (86)*

## **Bibliografia**

ALMEIDA, M.Lopes. *Notícias históricas de Portugal e Brasil; 1715-1750*. Coimbra: s/ed., 1961.

BOLOGNINI, Carmen Zink (org.) *História da literatura*; o discurso fundador. Campinas: Mercado de Letras, ABL; São Paulo: Fapesp, 2003. (Histórias de leitura).

CALMON, Pedro. *História da literatura bahiana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949 (Documentos brasileiros).

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira; origens e unidade.(1500-1960)*. São Paulo: Edusp, 1999, v.I

CÉSAR, Guilhermino (Org.) *Historiadores e críticos do romantismo; a contribuição européia, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: Edusp, 1978.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita; livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1984.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial*. São Paulo: IEB/USP, 1969.

MOURA, Enrique Rodrigues. *Manoel Botelho de Oliveira, autor del impreso Hay amigo para amigo, comedia famosa y nueva. Coimbra, Oficina de Tomé Carvalho, 1663*. In: Revista Iberoamericana, vol. LXXI, número 211, abril-junio 2005, University of Pittsburgh, pp.555-573.

PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio narrativo do peregrino da América*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1988, 2 v.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui; o narrador, a viagem*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. O Peregrino da América e seu autor; juízo crítico. In: PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio narrativo do peregrino da América*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1988, v. 2.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Porto Alegre; Mercado Aberto, 1998.